

“O que Vale?”

A reverberação de luz de um cometa humano pelo
chão de uma praça em Juazeiro do Norte/CE



Fotografias: Daniela Alves. Diagramador: Kleber Benício

"O que Vale?" A reverberação de luz de um cometa humano pelo chão de uma praça em Juazeiro do Norte/CE, por Alexandre Mate¹.

Se na cabeça do homem tem um porão,
Onde moram o instinto e a repressão,
diz aí) O que é que tem no sótão?
Lenine (*Olho de Peixe*).

Muitos, muitos pelos entres (tomando como mote os indicadores manifestados nos versos da belíssima música de Lenine)... Muitos desconhecidos, lamentos, lamúrias e desconhecidos! De repente, sem saber exatamente o motivo, uma mulher (espécie de carpideira real, de perdas dolorosas), surge, de modo epifânico, na praça José Adonis Callou (conhecida como Praça do CC), no bairro João Cabral, em Juazeiro do Norte, Ceará. *O que Vale?* foi mais uma dentre um conjunto de outras obras a compor a interessante programação do encontro do Grupo de Trabalho Artes Cênicas na Rua da Abrace (Associação Brasileira de Pós-graduação em Artes), no Cariri/2019. "O que Vale?" foi apresentada por Sâmia Ramare na sequência de outras atividades, que se iniciou no meio da tarde com animado cortejo para levar a população da comunidade ao coração do bairro João Cabral.

No dia de apresentação, com a partida do sol de junho, uma noite reverberava brilho lunar em seu magnífico início de mais algumas horas de escuridão. A meninada na praça estava como que eletrizada com o presente que recebia naquele dia. Havia um intensificado e permanente coro dos mais encantados e audíveis risos. Assim, atravessando aquele imenso coro de felicidade uma figura, de lenço na cabeça e um balde de plástico nas mãos, vinda não se sabe de onde, lamentava-se e repetia, de modo lamurioso, algo como: "- 500km de sofrimento daqui até o litoral..." Podia-se ouvir com clareza a fala, mas não se podia afirmar com certeza ao quê ela se referia. Fala repleta de significações e de ampliados sentidos simbólicos em um Brasil de tantos sofrimentos e desastres naturais, provocados, sobretudo, pelos interesses multinacionais.

¹Professor da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp, de São Paulo; pesquisador de teatro; autor de diversos textos (ensaios, artigos, pesquisas, livros de teatro).



Pouco a pouco, e de modo efetivo, o riso da criançada, antes franco e alegre, depois de silêncio inquietante, dava lugar a risos nervosos, buscando alguma explicação para aquela mulher que seguia, seguia, seguia... de modo enigmático. Era possível ouvir perguntas da criançada e de adultos sobre o significado "daquilo"; aqui e ali, um ou outro: "- Sei não!", "Ichi!"... A mulher fraca e franzina, não olhava ninguém e seguia para algum lugar. Então, ao enigma de não saber quem aquela figura era, somava-se outro quanto ao seu caminhar. Havia em uma parede da praça uma projeção de imagens heteróclitas... Diversos lugares e diferentes paisagens... A figura para um tempo, olha para aquilo e reinicia seu caminhar. De repente, sem qualquer explicação (lembrando Clarice Lispector quanto a não ser necessário entender, na medida

em que o viver ultrapassa qualquer entendimento), a figura de mulher rega um eucalipto com a água enlameada e vai embora, aceleradamente, do mesmo modo enigmático.

Para os que permanecem na praça, nas imediações do eucalipto - entre bestificados e incrédulos -, tentando restabelecer algum nexos de sentido "razoável", "*O que Vale?*" faz, ao mesmo tempo, muitos e quase nenhum sentido... Como na vida ordinária, muito do que se vê, se vive, se assiste... não faz tanto sentido. Quietos, tentando estabelecer algumas pontes, Alexandre Falcão me apresenta o menino Renan (de 11 anos aproximadamente). Firme, Renan me pergunta, com os olhos repletos de um brilho especial, sobre quem poderia ser aquela mulher, de onde ela teria vindo...



Em pleno processo de “mastigação de sentido”, arrisco dizer que ela poderia ser alguém de Mariana, cuja lama tóxica e multinacional teria lhe roubado tudo... Emendo, entretanto, com outra pergunta e arrisco quanto àquilo que poderia ser mais importante naquele momento: saber de onde ele e eu vínhamos ou o nosso encontro naquela praça enlutarada. Depois de um rápido pensar, certo, Renan responde ser nosso encontro... Sabedoria de criança!

De fato, apesar de aquela deriva (como os criadores da obra Sãmia Ramare e Rubens Venâncio definirem aquela criação) ser épica, houve uma supressão mais objetiva e apreensível do chão histórico da obra. A que tragédias aquela figura se referia, se lamentava!? Tal supressão, entretanto, não se caracteriza em “defeito”, principalmente porque, materializada por intermédio de enigmática forma teatral. De modo semelhante a um cometa - em trajetória pelo chão da terra - a obra pode ter deixado, em seu rastro - na ausência da indecifrável figura de mulher -, um conjunto de perguntas, sem respostas, sobre aquela aparição... Plasmada nas estruturas nervosas de cada pessoa, aquela epifania cumpriu com o seu “a que veio”. Para ser intensa e inteira, a arte, por ser supérflua e constituída por um conjunto de símbolos, ressignifica a vida e, (re)humaniza, manifestando, também, a necessidade de exposição pública para as fugas da repressão... Portanto, a arte não precisa responder nada: ela, se caracteriza em um significativo campo de luta com o/ pelo simbólico!